

Meninas escarpeladas nos rios da Amazônia Paraense: o papel da mídia na prevenção de acidentes

Lázaro Cardoso de Moraes¹
Universidade Federal do Pará – UFPA

Prof. Dra. Luciana Miranda Costa²
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Edwana Nauar de Almeida³
Universidade Federal do Pará – UFPA

Prof. Dr. Salomão Mufarrej Hage⁴
Universidade Federal do Pará – UFPA

Resumo

A Amazônia paraense ribeirinha é palco de um dos mais graves acidentes que atingem principalmente mulheres e crianças: o escarpelamento. Elas têm o couro cabeludo arrancado (escalpe) pelo eixo do motor de pequenas embarcações por falta de proteção do equipamento. Apesar deste tipo de acidente existir desde a década de 1970, sua visibilidade na mídia ocorreu somente na década de 1990, com o trabalho da OSCIP Sarapó, culminando com campanhas de prevenção e leis que obrigam a instalação de equipamento de proteção nos motores. Esta pesquisa teve como objetivo principal analisar os discursos referentes ao tema nas matérias publicadas no jornal “O Liberal”, entre 2008 e 2015. O artigo buscou demonstrar a visibilidade midiática sobre o assunto, assim como a produção de sentidos dos discursos veiculados pela Marinha e demais órgãos envolvidos na questão. Como referencial teórico, adotou-se a perspectiva analítico-discursiva da teoria bakhtiniana.

Palavras-Chave: Comunicação. Escarpelamento. Amazônia. Jornal O Liberal. Análise de Discurso.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação, Comunicação, Cultura e Amazônia, da Universidade Federal do Pará. Contato: lazaromoraes@gmail.com

² Doutora em Ciências: desenvolvimento socioambiental pelo NAEA/UFPA, com estágio de doutoramento na Universidade de Indiana (Anthropological Center for Training and Research on Global Environmental Change) e no Woods Hole Research Center, e pós-doutoramento em Comunicação na Universidade Nova de Lisboa. Professora de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e professora do Mestrado em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA-PPGCOM). Email: lmirandaeua@hotmail.com

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Email: ednauar@yahoo.com.br.

⁴ Doutor em Educação pela PUC-SP, com doutorado sanduíche pela Universidade de Wisconsin-Madison. Professor do programa de Pós-Graduação da UFPA e coordenador do Grupo de Pesquisas em Educação do Campo na Amazônia (GEPERUAZ). Email: salomao_hage@yahoo.com.br

Abstract

The amazon riverside region situated in the State of Pará is the scenery of one of the most serious accidents which affect mainly women and children: the scalping (“escalpelamento”). They have their scalp ripped by the unprotected motor axe of little boats. Despite such accidents have occurred since the seventies, they conquered space in the media only in the 1990’s due to the work of Sarapó, a Non-Governmental Organization which contributed for communication campaigns and implementation of laws that nowadays oblige the installation of motor protection in such boats. The main goal of this research is to analyze the discourses about the accidents in daily news published in O Liberal newspaper, between 2008 and 2015. This article tried to present the mediatic visibility on the subject, as well the production of meanings from the discourses of Marine and other institutional agentes involved with it. The theoretical reference was based on Bakhtin’s concepts.

Keywords: Communication. Scalp. Amazon. O Liberal Newspaper. Discourse analysis.

Introdução

No Estado do Pará, onde os rios se entrecortam na paisagem amazônica, o caboclo ribeirinho utiliza como meio de locomoção pequenas embarcações de madeira construídas artesanalmente em estaleiros clandestinos. Para dar equilíbrio à navegação, ele fixa o motor no centro do barco, aposto longitudinalmente à hélice. Essa disposição, diante do eixo exposto da embarcação, sem nenhum tipo de proteção, acaba por causar acidentes. Com o uso comum de cabelos longos, geralmente soltos ao vento, mulheres e crianças tornam-se as principais vítimas, quando, por um descuido qualquer ou ao ajudar a tirar água de pequenas embarcações com canecas, deixam os cabelos enroscarem-se no eixo do motor. O resultado é o que se denomina de escalpelamento, ou seja, o arrancamento total ou parcial do couro cabeludo e, não raro, também de sobrancelhas, pálpebras e orelhas, muitas vezes ocasionando a morte.

O objeto de estudo deste artigo são as matérias jornalísticas publicadas pelo jornal O Liberal, o maior do Estado do Pará⁵, sobre a temática do escalpelamento. A pesquisa refere-se às matérias publicadas no período entre 2008 e 2015, já disponíveis nas edições digitais do jornal.

⁵ A Certificação de Tiragem do jornal O Liberal, expedida pelo governo federal no início de 2015, informa que a tiragem diária do jornal é de 32 mil exemplares e, aos domingos, de 53 mil exemplares. Já o jornal Diário do Pará, o segundo maior do Estado, aparece com tiragem média de 24.744 exemplares, de acordo com dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC), publicados no *site* da Associação Nacional de Jornais (ANJ). Mais informações em: <http://www.anj.org.br/majores-jornais-do-brasil/#>.

Busca-se analisar como se materializam os discursos reproduzidos pelo jornal, dos principais agentes envolvidos com a temática: a Marinha do Brasil, o governo do Estado do Pará, Organizações Não-Governamentais (ONGs) e as próprias vítimas de escarpelamento, além de instituições ligadas à prevenção dos acidentes, ao atendimento hospitalar e à reinserção social e escolar das vítimas. O objetivo é verificar como esses discursos ganham visibilidade na mídia, uma vez que, segundo Thompson (1998), o desenvolvimento dos meios de comunicação criou novas formas de interação, novos tipos de visibilidade e novas redes de difusão de informação no mundo moderno que alteram o caráter simbólico da vida social. A metodologia consiste na análise dos dados baseada na perspectiva analítico-discursiva à luz da teoria bakhtiniana, ou seja, tomando-se como referencial conceitos do autor, como polifonia⁶, por exemplo.

Para Bakhtin (2006), a linguagem é um dos pilares de todo o pensamento dentro de uma perspectiva sócio-histórica que nos permite analisar os discursos produzidos a partir dos contextos sociais em que estão culturalmente inseridos. A emergência do pensamento bakhtiniano traz à luz, portanto, a possibilidade de uma análise semiótica dos discursos baseada numa abordagem dialógica e, conseqüentemente, *polifônica*, na qual vários discursos são historicamente atravessados por outros discursos.

.A partir dos conceitos desenvolvidos pelo autor é possível, dessa forma, analisarmos processos comunicacionais, sejam eles por meio de narrativas orais, no campo da literatura, ou por matérias jornalísticas que se constituem uma arena midiática, onde se travam disputas discursivas por meio de enunciados. É nesta arena midiática que buscaremos analisar o discurso dos sujeitos, por meio do dito e do não dito.

Os acidentes por escarpelamento

Os primeiros casos de acidentes por escarpelamento datam da década de 1960, quando os barcos à vela foram paulatinamente substituídos por embarcações a motor. Mas foi somente a partir da década de 1990, quando já era grande o número de acidentes, com o

⁶ A linguagem é fruto da interação verbal e é no contexto dialógico que emergem múltiplas vozes que se entrecruzam – a polifonia. “Por palavra do outro (enunciado, produção de discurso) eu entendo qualquer palavra de qualquer outra pessoa, dita ou escrita na minha própria língua ou em qualquer outra língua, ou seja, é qualquer outra palavra não minha. Neste sentido, todas as palavras (enunciados, produções de discurso e literárias), além de minhas próprias são palavras do outro. Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro (uma reação infinitamente diversificada”. (BAKHTIN, 2015, p. 379)

trabalho da Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) Sarapó, que o tema passou a ganhar visibilidade na mídia. A OSCIP, através de mobilizações, campanhas preventivas e ajuda no tratamento das vítimas, chamou a atenção do Poder Público, dos próprios ribeirinhos e, inclusive, da Marinha do Brasil, para a gravidade do fato, uma vez que, de acordo com os dados da Sarapó, 80% dos acidentes têm mulheres como vítimas e, dentre elas, 65% são crianças. Desde 1979, quando os dados começaram a ser computados pela Sarapó, já foram registrados até hoje 435 acidentes por escarpelamento nos rios da Amazônia ribeirinha paraense.

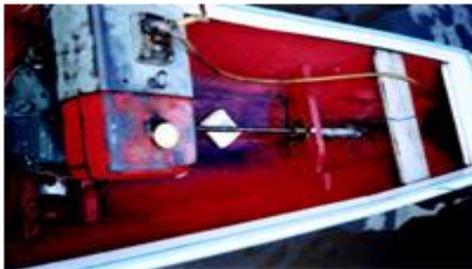


Fig. 1 Embarcação típica da região Amazônica com eixo do motor descoberto



Fig. 2 Cabelos enroscados no eixo das embarcações provocam escarpelamento

Mas devido às características continentais da própria região e às dificuldades socioeconômicas que travam uma comunicação mais eficiente, seja pela ação governamental ou pela iniciativa do terceiro setor, os dados oficiais não correspondem à realidade. Muitas vezes, os acidentes sequer são informados aos órgãos estaduais responsáveis pela prevenção e manutenção da saúde pública, ficando restritos ao próprio município. Em outras ocasiões, os acidentes ocorrem em áreas rurais de difícil acesso, sem que se faça a notificação do acidente junto aos órgãos competentes. Além disso, por envolver relações de parentesco (os pilotos dessas embarcações são membros da família da vítima), o acidente é propositalmente omitido dos órgãos oficiais, o que contribui para aumentar a discrepância entre os acidentes ocorridos de fato e os dados oficiais registrados.

A partir de 2002, a Santa Casa de Misericórdia passou a ser referência no atendimento hospitalar especializado às vítimas de escarpelamento, por meio do Programa de Atenção Integral às Vítimas de Escarpelamento (PAIVES)⁷, criado em 2006. Hoje, a Santa

⁷ Programa de Atenção Integral às Vítimas de Escarpelamento (PAIVES) conta com uma equipe de atendimento interdisciplinar envolvendo profissionais do serviço social, psicologia, medicina, enfermagem, terapia educacional, educação, entre outros, como forma de prestar assistência multiprofissional completa e humanizada às vítimas de escarpelamento (NAUAR, 2016, P. 61).

Casa também dispõe de atendimento educacional às vítimas, realizado no Espaço Acolher⁸, em parceria com a Universidade do Estado do Pará (UEPA).

Com o intuito de reduzir as crescentes taxas de ocorrência desse tipo de acidente, o governo federal instituiu a Lei nº 11.670, de 6 de julho de 2009, que torna obrigatória a instalação de proteção em torno das áreas móveis e do eixo do motor dessas embarcações. A partir dessa obrigatoriedade, foi criada a Comissão Estadual de Erradicação dos Acidentes com Escalpelamento em Embarcações do Estado, por meio da Portaria nº 023/08, de 19 de dezembro de 2008. Também foi instituída a data de 28 de agosto como o Dia Nacional de Combate e Prevenção do Escalpelamento, oficializado pela Lei nº 12.199/10, de 14 de janeiro de 2010. A legislação federal também obrigou os municípios paraenses a constituírem, até 2010, os Comitês Municipais de Erradicação deste tipo de acidente. A partir daí, e em parceria com a Marinha, foram promovidos desde 2011 vários mutirões para a instalação gratuita dos dispositivos de proteção nos eixos das embarcações.



Fig. 3. Dispositivo de proteção do eixo do motor das embarcações

O trabalho de prevenção dos acidentes também inclui a distribuição de material publicitário visando à “conscientização” da população ribeirinha, por meio de *folders*, panfletos, vídeos, cartilhas, gibis e cartazes, distribuídos em escolas, igrejas, hospitais e para a comunidade em geral. A campanha incentiva ainda os proprietários de embarcações a procurarem a Marinha para regularizar sua situação mediante a instalação dos dispositivos de segurança. Segundo Guimarães (2012), dados da Capitania dos Portos do Pará revelam que até 2006 circulavam cerca de 65 mil pequenas embarcações a motor nos rios paraenses e, destas, somente 25% (16,2 mil) tinham registro de legalidade. Quanto à ocorrência de

⁸ O Espaço Acolher funciona em Belém, desde 2006, como extensão da Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará com a função de oferecer hospedagem, alimentação e atendimento integrado às vítimas de escalpelamento e seus familiares (acompanhantes), a maioria vindas do interior do Pará, durante o período de tratamento.

acidentes por escalpelamento, segundo informações da Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará (FSCMPA), a maioria deles (80,5%) ocorre em embarcações do tipo familiar, uma vez que 61% dessas embarcações não dispõem de equipamentos de proteção do eixo do motor, colocando em risco a integridade física e a vida de crianças, mulheres e adolescentes.

A OSCIP Sarapó, pioneira no trabalho de erradicação dos escalpelamentos, afastou-se dessas atividades por volta de 2009 por discordar da forma como o trabalho de prevenção vinha sendo conduzido pela Marinha e pelo Governo do Pará, além da falta de incentivos financeiros para as campanhas desenvolvidas pela OSCIP. Outra entidade, a ORVAM – Organização dos Ribeirinhos Vítimas de Acidentes de Motor, vem trabalhando com o problema e desenvolvendo campanhas e ações voltadas para a arrecadação de cabelo visando à confecção de perucas para as meninas vítimas de escalpelamento. Essa foi uma das maneiras encontradas para superar o trauma físico diante da perda do couro cabeludo, além das sequelas sociais e psicológicas sofridas pelas meninas escalpeladas, que costumam ser alvo de preconceitos devido ao rosto desfigurado, o que exige cirurgias reparadoras.

O discurso e o entrelaçamento de vozes

O homem é um ser essencialmente social e histórico na relação com o outro, que se constitui e se desenvolve como sujeito através da *linguagem*, mediadora da consciência, repleta de conteúdos ideológicos⁹, social e historicamente construídos. Neste sentido, todo discurso, para Bakhtin (2006), se tece polifonicamente num jogo de vozes entrecruzadas, atravessado por outros discursos, que partem de enunciados construídos em um determinado ambiente histórico-social.

Dessa forma, o enunciado do sujeito é constituído de uma multiplicidade de consciências-vozes, de diversos textos-discursos, que se relacionam por fios dialógicos de vozes que se completam ou que divergem umas das outras. Nesta direção, a partir dos estudos bakhtinianos, podemos compreender que as palavras que constituem os discursos são, basicamente, as palavras dos outros, não somente as do presente, mas as palavras construídas

⁹ A alienação social se exprime numa “teoria” do conhecimento espontânea, formando o senso comum da sociedade. Por seu intermédio, são imaginadas explicações e justificativas para a realidade tal como ela é diretamente percebida e vivida [...] Esse senso comum social, na verdade, é o resultado de uma elaboração intelectual sobre a realidade feita pelos pensadores ou intelectuais da sociedade, que descrevem e explicam o mundo a partir do ponto de vista da classe a que pertencem e que é a classe dominante da sua sociedade. Essa elaboração intelectual incorporada pelo senso comum social é a ideologia (CHAUÍ, 1999, p.174).

historicamente, significadas no tempo e no espaço, cada uma permeada de um sentido cultural que lhe significa. A palavra não é, portanto, somente “minha”, mas de todos os antepassados.

Esse é o referencial que ancora o entendimento de que as palavras não possuem apenas um sistema de formas, uma vez que vão produzindo e se reproduzindo de uma cultura para outra, portadoras de sentidos múltiplos, não somente individuais, mas essencialmente coletivos, ideológicos, carregadas de significações de poder. Mesmo formada na consciência de cada sujeito, a partir do conteúdo ideológico no qual está social e historicamente inserida, a palavra é a base do próprio ato de comunicar. Neste contexto, Bakhtin (2006) trabalha conceitos como discurso direto, indireto e discurso citado¹⁰ e nos chama atenção, em um primeiro momento, para a necessidade de análise do “discurso citado”, que consiste em

[...] Esquemas linguísticos (discurso direto, discurso indireto, discurso indireto livre), as modificações desses esquemas e as variantes dessas modificações que encontramos na língua, e que servem para a transmissão das enunciações de outrem, num contexto monológico coerente” (p. 143).

A partir daí, o autor denomina de “ofensiva do contexto narrativo contra o discurso citado” quando o discurso direto, indireto ou indireto livre, é apreendido pelo discurso de outrem, manifesto aparentemente sem sujeito.

À enunciação citada subjetiva opõe-se um contexto narrativo que comenta e replica e que se reconhece como igualmente subjetivo [...] O discurso indireto sem sujeito aparente e, particularmente, o discurso indireto livre, é a forma última de enfraquecimento das fronteiras do discurso citado. (BAKHTIN, 2006, p. 152).

Para a análise das matérias jornalísticas sobre os acidentes por escarpelamento na Amazônia paraense, nos apoiamos especialmente nesses conceitos com o intuito de verificar, no discurso publicado pelo jornal O Liberal, “as formas do dizer” utilizadas nas matérias sobre as meninas escarpeladas, observando-se que as diversas vozes dos sujeitos envolvidos se acham atravessadas, num processo dialógico travado na arena midiática.

Em matéria publicada em O Liberal no dia 13 de junho de 2015, sob o título *Vítima de escarpelamento sofre trauma*, menciona-se que o número de acidentes por escarpelamento tem “diminuído bastante”, mas que ainda são uma “realidade” por causa da falta de

¹⁰ Discurso direto é quando se reproduz entre aspas a fala do interlocutor. No indireto, o discurso é reproduzido pela fala de outrem. Ex.: um repórter expressa com suas palavras a fala de um entrevistado. No caso do discurso citado, é quando ocorre a um interlocutor apropriar-se do discurso de outrem. Ou seja, o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, e ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação (BAKHTIN, 2006, p. 144). Mais informações em <http://www.todamateria.com.br/discurso-direto-indireto-e-indireto-livre/>.

equipamentos de proteção nos motores dos barcos. O contexto é uma sessão especial na Câmara Municipal de Belém, com a presença de representantes da Marinha do Brasil, da ORVAM, do Espaço Acolher (ligado à Santa Casa de Misericórdia) e de meninas vítimas de escarpelamento.

A Câmara Municipal de Belém realizou, ontem, uma sessão especial para debater sobre as ocorrências de escarpelamento de mulheres nos rios da Amazônia. Apesar de já ter diminuído bastante, os acidentes ocasionados pela falta de equipamentos de proteção nos motores de barcos ainda é realidade na região. Em 2014, 15 mulheres foram atendidas pelo Espaço Acolher, da Santa Casa de Misericórdia do Pará, que é referência no Estado para o atendimento de mulheres que perderam parte do couro cabeludo neste tipo de acidente. (O Liberal, 13/06/2015, Caderno Atualidades, p. 10)

Nesse tipo de discurso, quando não se indica a fonte da informação – no caso a afirmação de que as ocorrências dos acidentes estão “caindo bastante” –, o repórter transmite ao leitor, como se fosse verdadeira, uma informação não comprovada, uma vez que sequer cita o autor da afirmação ou dados comparativos, como se fora uma narrativa sem sujeito.

E mesmo que a informação seguinte – a de que 15 mulheres foram atendidas no ano anterior pelo Espaço Acolher (da Santa Casa) - seja verdadeira, não se tem parâmetro de comparação para saber se o número de 15 casos representa muito ou pouco em comparação a um período histórico mais representativo. Há que se considerar ainda que os sujeitos envolvidos na questão, citados na matéria jornalística, falam para um determinado público e assumem discursivamente os lugares sociais que ocupam. Por essa razão, o representante da Marinha, tenente da Capitania dos Portos Marco Antônio Costa, afirma, em discurso direto, que “de lá para cá [*desde 2009, quando, segundo a matéria jornalística, foram registrados 20 acidentes*], este número se estabilizou e tem oscilado entre sete a dez casos por ano. Foi um avanço considerável, mas sabemos que ainda temos muito a fazer”. Nota-se que o discurso de outrem constitui mais do que o tema do discurso, mas uma tomada de posição que interliga enunciados, ou seja, constitui-se discurso sobre o discurso, enunciação sobre enunciações, sob o ponto de vista de cada sujeito que dialoga nesse cenário polifônico.

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação *ao* outro. Através da palavra, defino-me na relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN, 2006, p. 113).

Na mesma matéria (O Liberal, 13/06/2015, Caderno Atualidades, p. 10), a representante do Espaço Acolher, Luzia Matos, ressalta que “os prejuízos vão além da questão física; tem o (aspecto) psicológico, o trauma, a perda de identidade. Muitas destas meninas

têm sérias dificuldades de ir à escola, retomar os estudos”, remetendo à importância do trabalho do Espaço Acolher. Da mesma forma, a presidente da ORVAM, Maria Cristina de Jesus, salienta a importância da entidade que dirige, ao destacar o “apoio às vítimas do escarpelamento, seja com campanhas para arrecadação de cabelos para a produção de perucas, ou na realização de cursos de capacitação para as integrantes, ou no apoio psicológico”. Os discursos dos entrevistados, cada um, dirigem-se a um público para o qual “vendem” o trabalho que desenvolvem.

Nesse entrelaçamento, os discursos ora se completam ora se confrontam, dependendo dos interesses de cada voz envolvida. No caso em questão, por se tratar de discursos veiculados em produto midiático, o jornal, verifica-se um atravessamento que leva os sujeitos a destacarem os aspectos positivos de suas ações para um interlocutor comum: os leitores e entre eles próprios, também leitores. Ressalta-se que cabe, no entanto, ao jornal, construir a narrativa de acordo com a sua linha editorial relacionada ao contexto político e sócio-histórico no qual está inserido.

Em outra matéria publicada pelo jornal O Liberal, no dia 13 de janeiro de 2013, sob o título *Aumenta número de escarpelados no Pará*, a representante do governo do Estado, coordenadora de Mobilização Social, Socorro Silva, justifica o aumento do número de acidentes devido à falta de compromisso dos municípios no trabalho de prevenção.

O Estado faz e mobiliza as campanhas, mas é fundamental o trabalho local. Esperamos que os novos gestores municipais assumam esse papel e se responsabilizem com a fiscalização e orientação da população. O grande desafio é que para muitos, como o acidente não acontece constantemente, é como se não houvesse a necessidade de um trabalho permanente. Mas o problema é que quando os acidentes ocorrem, não são apenas as vítimas que sofrem e suas famílias; o fato mexe com toda a comunidade do interlocutor. (O Liberal, 13/01/2013, Caderno Atualidades, p. 12)

Verifica-se aqui a disputa pelo poder discursivo (Estado x municípios), mediante a utilização de signos ideológicos, independentemente do fato de ser ou não verdadeira a afirmação da representante do governo do Estado de que o número de casos de escarpelamento vem aumentando devido à falta de um trabalho preventivo nos municípios. Por essa razão, os temas dos diversos discursos adotados e as formas da criação ideológica que assumem diante do leitor crescem juntos e constituem, segundo Bakhtin, as duas facetas de uma só e mesma coisa. “Este processo de integração da realidade na ideologia, o nascimento dos temas e das formas, se tornam mais facilmente observáveis no plano da palavra” (BAKHTIN, 2006, p. 46). A essa “dialética interna”, Bakhtin (2006) atribui uma

dupla face discursiva, ao referir-se ao valor de “verdade” que os entrevistados se pretendem em seus respectivos discursos: “Toda crítica viva pode tornar-se um elogio, toda verdade viva não pode deixar de parecer para alguns a maior das mentiras” (p.47). Ou seja, verdade ou mentira, os discursos assumem valores de verdade perante a audiência social.

Outra matéria, publicada sob o título *Motor arranca o couro cabeludo de adolescente*, no caderno Atualidades, no dia 13 de julho de 2012, demonstra, sob o ponto de vista do discurso citado, o momento em que a enunciação do narrador integra na sua composição uma outra enunciação, ou seja, quando alguém se apropria da fala de outrem. É o que se verifica quando a coordenadora do Programa de Assistência Integral às Vítimas de Escalpelamento (Paives), Socorro Ruivo, tece observações sobre a morte de uma adolescente no município de Igarapé-Miri, chamando a atenção para a necessidade de parceria com as prefeituras, para que fiscalizem e eduquem os seus moradores para evitar os escalpelamentos. Da mesma forma, o capitão dos Portos da Amazônia Oriental, Francisco Pereira Valle, destaca a parceria com a Santa Casa de Misericórdia, reforçando as ações de prevenção adotadas pela Marinha nas comunidades da Amazônia, mas que não estariam sendo seguidas pelos ribeirinhos. O representante da Marinha utiliza na sua enunciação a mesma fala da representante do governo do Estado, incorporando o discurso de que há a necessidade de parcerias de outros entes envolvidos. Com isso, o jornal, ao construir a narrativa,

elabora regras sintáticas, estilísticas e composicionais para assimilá-la (a enunciação) parcialmente, para associá-la a sua própria unidade sintática, estilística e composicional, embora conservando, pelo menos sob uma forma rudimentar, a autonomia primitiva do discurso de outrem, sem o que ele não poderia ser completamente apreendido (BAKHTIN, 2006, p. 145).

A esse processo discursivo, de apropriação de discursos, Bakhtin (2006) chama de “reação ativa de uma enunciação à outra”, mesmo que não ocorra verdadeiramente um diálogo entre as diversas vozes, do ponto de vista do discurso narrativo (falado), ou seja, da palavra à palavra, com direito a réplicas, no texto escrito jornalístico.

A questão dos acidentes por escalpelamento também nos remete a outros dois conceitos bakhtinianos: *compreensão* e *avaliação*. Em uma matéria publicada na edição de O Liberal do dia 22 de junho de 2012, sob o título *UFPA propõe selo para reduzir escalpelamento*, o professor Kao Young Ho, idealizador do projeto de instalação de equipamento de proteção no motor dos barcos, declara que:

O eixo do motor pode ser protegido com qualquer tábua, PVC ou outro material. Isso os estudantes orientariam. Não podemos dar uma proteção, mas sim orientar o

ribeirinho a buscar a solução. Dessa forma, não ficariadependente de ninguém [...] Temos que mostrar que a UFPA pode ser uma referência, mas quem executa é o próprio ribeirinho. (O Liberal, 22/06/2012, Caderno Atualidades, p. 5)

Para Bakhtin (2006), ao “compreender” a questão dos acidentes por escarpelamento, o autor do discurso acima demonstra a “avaliação” que faz sobre a própria questão: de que o projeto só terá sucesso se o ribeirinho receber orientação da UFPA. A compreensão, portanto, consiste em recriar e completar a diversidade de sentidos que o problema adquire em todas as suas facetas, sob o ponto de vista das diversas vozes e entonações envolvidas e possibilidades de mudança na sua própria avaliação e enriquecimento. O discurso da UFPA assume uma posição periférica, na condição de entidade ligada à educação, portanto, restrita a um trabalho de orientação, mas de suma importância para a mudança de hábitos e conscientização dos ribeirinhos.

O sujeito da compreensão enfoca a obra com sua visão de mundo já formada, de seu ponto de vista, de suas posições [...] O sujeito da compreensão não pode excluir a possibilidade de mudança e até de renúncia aos seus pontos de vista e posições já prontos. No ato da compreensão, desenvolve-se uma luta cujo resultado é a mudança mútua e o enriquecimento”. (BAKHTIN, 2015, p. 378)

Conclusão

A análise discursiva à luz dos conceitos de Mikhail Bakhtin, aplicada ao jornalismo, mostrou-se rica na análise dos discursos utilizados pelos diversos atores envolvidos na questão do escarpelamento de meninas na Amazônia paraense. O contexto em que esses atores estão inseridos revela o pano de fundo das diversas vozes que se entrecruzam na polifonia que se transformam as matérias jornalísticas publicadas no jornal O Liberal sobre os mais variados aspectos relativos aos acidentes por escarpelamento.

A língua, palavras, enunciados e discursos, mesmo quando dentro de outros discursos e incorporados a outros enunciados, formam uma teia discursiva sócio-histórica, portanto, contextual. A concepção de Bakhtin, mesmo tendo vivido num tempo em que a mídia não dispunha de tantos recursos tecnológicos e visuais como nos dias de hoje, revela-se atual. O discurso narrativo da linguagem oral e dos romances que analisou são perfeitamente aplicáveis aos textos da atualidade, inclusive os jornalísticos, pois, dentro de uma concepção pós-moderna, levam em conta o cotidiano e “entonações” que permeiam os discursos, nos quais os atores travam uma relação dialógica entre si e com o público leitor.



Ao jornal, coube o papel de construir a narrativa, organizar o entrelaçamento das falas, editá-las e priorizá-las conforme seu próprio interesse (vinculado à sua linha editorial e ao seu posicionamento nos campos político, cultural e econômico) relacionado à temática.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 12ª Edição, SP, HUCITEC, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Wmfmartinsfontes, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 2. Ed. – Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998. 322p.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. Editora Ática, São Paulo, 11ª Edição, 1999.
- GUIMARÃES, André Gustavo Moura. *Mulheres da Amazônia: o drama do escarpelamento*. Fortaleza: EDUCERE; EDMETA, 2012.
- NAUAR, Edwana de Almeida. *O Corpo Escarpelado: possibilidades e desafios da ação docente com meninas vítimas de escarpelamento na Amazônia paraense ribeirinha*. [Dissertação]. Belém-PA: Universidade Federal do Pará, 2016.
- TRAQUINA, N. *Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2005.
- THOMPSON, J.B. *O Escândalo Político – poder e visibilidade na era da mídia*. Petrópolis; Editora Vozes, 2000. 325 p.
- THOMPSON, J.B. *A Mídia e a Modernidade. Uma Teoria Social da Mídia*, Petrópolis, Vozes, 1998, 261 p.